

2

THEATRO DE FONSECA MOREIRA.

---

# O MUNDO É ASSIM

COMEDIA-DRAMA

EM UM ACTO

ORIGINAL

DE

ANTONIO JOSÉ DA FONSECA MOREIRA

OFFERECIDA

*Ao Illm. Sr. Camello Castello Branco*



Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA—LUZO-BRAZILEIRA

RUA DO HOSPICIO N. 285

1864.

# PERSONAGENS

Dr. Augusto Sampaio.

Antonio Nunes,

Miquelina Nunes.

O Commendador Francisco Pinheiro.

Afonso Criado.

Deolinda criada de Miquelina

A scena passa-se em ....

Epoca — Actualidade.



# ACTO UNICO

Uma sala decentemente mobiliada, portas lateraes, no fundo uma alcova, uma meza e alguns livros.

## Scena I.

O DR. SAMPAIO E MIQUELINA

SAMPAIO

Mas ainda posso appellar ?

MIQUELINA

Para a tua consciencia, julga a Tribuna! Supremo e então verás a sentença confirmada unanimemente.

SAMPAIO

Nutres essa convicção ?

MIQUELINA

Tenho a certeza, mas deixemo-nos de personagens de comedia e fallemos com sensibilidade e franqueza.

SAMPAIO

Muito bem, aprecio esse rasgo de verdadeira eloquencia.

MIQUELINA

A tua presenca aqui na ausencia de Antonio não é conveniente. o mundo falla, e o Dr. bem sabe que o clamor publico, não é nenhuma bala de metralha que só atrôa quando faz a explosão, o clamor publico circula por toda a parte, e seus echos chegam ás duas sociedades de que se compõem o mundo... e..

SAMPAIO, *interrompendo.*

Comprehendo e aceito as tuas doutrinas; mas para que me mandaste chamar ?

MIQUELINA

Agora sou ré, e tu juiz, mas espero que sejas mais indulgente para comigo.

SAMPAIO

Mandaste-me chamar, é logico, e estou nos limites do meu direito exigindo saber para que fim.

MIQUELINA, *meditando*

Foi... foi... nem me recordo mais.

SAMPAIO

A resposta não me satisfaz,

MIQUELINA, *com energia*

Em fim doutor, para o que era, ja não é necessario.

SAMPAIO

Pelo q'is observe, entendes que sou figura de comedia ?

MIQUELINA

E' galante a lembrança ! pois queres metamorphosear esta sala em platáa de theatro ?

SAMPAIO

Sou um homem sisudo, o meu prestid moral deve estar a par de minha dignidade, comportem-se-me ?

MIQUELINA

Magnificamente.

SAMPAIO

Então ?

MIQUELINA

Só entendo por palavras.

SAMPAIO, para si, murmurando

Basta, interromperão-se nossas relações. Julgou-me um estranho, cujo nome já uma vez viu, a seus pés aprendizando um: enla da do seu amor... mas arrojou-o para o lado, por que só o podia salvar com descan (*trazendo do bolso*)

MIQUELINA, para si, murmurando

Deus meu!

SAMPAIO, murmurando

Chama-me?

MIQUELINA

Sim, porque tenho que lhe dizer.

SAMPAIO

Veja que aqui se apresenta a minha esposa, a senhora de adrenta, uma senhora nada particular.

MIQUELINA

O Doutor, não esqueça de se apresentar a todos.

SAMPAIO

Quer copiar quem malida proferir a palavra aquista?

MIQUELINA

Será suspenso de exercer a profissão de um a mulher que é sua amiga, e amigo íntimo.

SAMPAIO

Ainda bem que não lancha bem, por terei visto dessa amizade, amizade peba e o nome desta qualia, a opinião publico será desvairada, levantando tantos seus furlamento.

MIQUELINA

Pensas mal doutor : o publico, seja dito com verdade, nem sempre encara a estas coisas por sua verdadeira face.

SAMPAIO

Está no seu direito, não demos porém ouvidos ao clamor publico, por que quando o homem tem consciencia de seus actos



reflectido, estão a teus pés, perdôa uma fraqueza de minha vida, mas deixa-me repetir amo-te pela inclinação e pelas crenças.

MIQUELINA

Diga-me doutor, que figura representa o homem que se diz sisudo aos pés de uma mulher obscura?

SAMPAIO

Representa a humilde figura do penitente, e ja vês que é tal o amor que te consagro, que não hesitei descer os degraus de minha dignidade, para me collocar em tão baixa posição.

MIQUELINA

Bem doutor; o senhor profanou uma obra, aonde nem por pensamento sua mão devia tocar, está perdoado pela imprudencia, mas não pela ousadia, não se pode fazer por esta, o que se faz por aquella, as portas desta casa, que sempre se abrirão de par em par para o receber, julgue-as d'ora avante, as de um claustro, que nunca mais se abrirão para lhe dar uma entrada, nunca suppoz que debaixo da mascara de amigo, se occultasse um homem como o doutor... e é sisudo, é o amigo que aperta a mão ao marido, exemplar para mais tarde o vilipendiar e aviltar, e apontando a dedo áturba, para ser alvo de sarcamos e aleives... o doutor não foi indiscreto, o seu cynismo, foi mais além. em conclusão tenha remorsos de seo procedimento, que para o arrependimento já é tarde (*sabe*)

SAMPAIO

Deixas-me só?

MIQUELINA, *com dignidade*

Despreso-o porque nãoo posso mais encarar, lembre-se para sempre deste dia, em que tenton ignominasamente mercadejar a honra de uma familia, que tem por braços a virtude e a honestidade (*sde*).

## Scena II.

SAMPAIO só

O que fiz! O que ouvi? Oh! minhas crenças, meu futuro, meu amor, tudo arrojado ao chão, perdido para sempre talvez. edoloroso a esperança, era uma consolação predilecta a incerteza era um problema indeciso, agora o que resta? nem esperança e menos certeza, e fui eu que calquei tudo aos pés, julguei encontrar um anjo, e deparei com um demonio; commendador Pinheiro, é sobre tua cabeça que vai cahir a minha colera, dispuz-me hoje, a hostilisar duas familias, a penetrar em sua vida domestica, alcançar o que almejo, para uma mentira e o embuste, para outra, (*tirando um papel do bolso*)

este papel documento precioso, que obtive á custa do meo raciocinio.

**Scena III**  
**SAMPAIO E NUNES**

NUNES *encarando com elle*

Por aqui doutor ?

SAMPAIO

Maravilhas-te ?

NUNES

Não ; sem duvida procuravas-me ?

SAMPAIO

Corri ao teu chamado.

NUNES

Meo ? estas enganado.

SAMPAIO

Que me enganascem concordo, mas que eu esteja enganado, contesto, acabo de chegar da cidade da Guarda, e apenas transpunha o limiar de minha casa, me sahi ao encontro o meu creado, dizendo-me que me mandaste chamar, julguei ser algum objecto de urgencia, e sem perda de tempo encaminhei meus passos a esta casa.

NUNES

Agradeço essa solicitude franca, com que me obsequias quotidianamente no entanto já vês que perdestes o tempo, por quanto agora mesmo chego de fóra.

SAMPAIO

Com tudo não dou o tempo por perdido, porque vou prestar um relevante obsequio a um prestimoso amigo.

NUNES *curioso*

Que amigo e esse ? desculpa a curiosidade.

SAMPAIO

Lá chegarei.. a franqueza deve ser um condão entre amigos, eu sou teu amigo.

NUNES

Queres lançar-me em rosto a minha ingratidão ?

SAMPAIO

Ingratidão ? !

NUNES

Não retiro a phrase. ingratidão, por quanto tenho calçado aos pés os deveres inherentes ao verdadeiro amigo, doixemos porém isso para occasião mais oportuna, estou ansioso por

saber o nome do amigo a quem vaes prestar um relevante serviço.

SAMPAIO

Vou baptisfazer a tua ansiedade.

NUNES

E' mais um favor, que se agrupa ao catalogo dos que ja te devo.

SAMPAIO

Então Nunes, maior e o favor, porque esse amigo, és tu

NUNES

Eu ?

SAMPAIO

Sim, e agora vou exhibir provas para base das minhas asserções:

NUNES

Meu amigo,

SAMPAIO

Sim amigo, mas não sou destes amigos, cuja amizade é sordida por interesse pecunarios ou mesquinhos pensamentos.

NUNES

Não me digas o que é o mundo actual, porque assaz o conheço

SAMPAIO

Vou reprehender-te, acceitos a reprehensão ?

NUNES

Se fôr justa.

SAMPAIO

E' justissima ; nunca notei em ti um erro.

NUNES

Erro !

SAMPAIO

E de muito alcance, é um erro que a sociedade fulmina e a humanidade condemna, tua mulher é uma senhora digna de estima, educada debaixo de todos os preceitos de civilidade, ella é digna das ténções veneráveis de tua nobre familia familia illustrada, que occupa um lugar eminente no nosso paiz.

NUNES

Basta, já te acabei por estes erros, deixem-se illudir, e a conclusão.

SAMPAIO

Instantemente, apparece-lhe nada mais, sem ser esperado, tal boia silencio, parecia uma palha cheugana, dozeinta, no meio de uma imensidão montanha ; e sentei-me nado a meu fôll prazer, lizei um golpe de vista por toda a sala, meus olhos esbarraram em um drama, ali-o ali (apontando) é o Abel



e *Caim* original do nosso esperançoso dramaturgo, ANTONIO MENDES LEAL, lia attentamente aquella obra sublime, verdadeiro primor da arte, inspirada pela intelligencia vasta do Sr. ANTONIO MENDES LEAL, no entanto nada me interrompia, a solidão continuava, estava na penultima scena, quando fui despertado por um som agudo, era a chave desta alcova (aponta para o fundo) que gyiava em seus quicadas, e o commendador Pinheiro, sahindo do meio das trevas se esbarrou face a face comigo.

NUNES, tremendo

Pois o meu illustrado e prestimoso amigo...

SAMPARÓ

*E' das tres amigas de hoje*, imagina porém a sua sorpresa, elle tornou-se livido como uma estatua de marmore tentou balbuciar, mas seus labios não se moverão, a Fra. D. Miquelina pelo contrario não perdeu a sua presença de espirito. Era uma scena verdadeiramente dramatica, o commendador que ficou livido ante o seo amigo foi recuperando o espirito, articulou palavras incomprehensíveis e depois.....

NUNES, de repente

Cobriu o rosto com as mãos?

SAMPARÓ

Não, levou a mão ao rosto mais não era para tapar o cyano que se estava de ser antes, e não para tapar a face, o coração ultrageado e o espirito humilhado e a alma atormentada.

NUNES

Pois em que estado cyano pôde haver a face coberta?

SAMPARÓ

Pôde, eu sei, não se póde saber em um momento de effusão, se eu fôlho e me deito na cama, e mesmo me levanto, mas não posso dizer, porque não sei o estado da natureza, e portanto não se póde pôr a natureza de um lado e o outro.

NUNES

E quem sabe se o espirito póde penetrar em sua consciencia?

SAMPARÓ

Consciencia, pois tem consciencia o homem, que comete umescandaloso e avarento rapto pelo bom senso, e que é depois arranca do bolso uma porção de ouro para comprar a testemunha ocular?

NUNES

Pois elle ousou?

SAMPAIO

Em vez de se arrojear a meus pés, pedir-me silencio, inplorar-me compaixão, elle com o sorriso ironico mostra-me a bolsa do ouro e diz-me cheio de hypocrisia!! « Sampaio não digas nada, faz de conta que vieste a esta sala, e a encontraste deserta, mas em compensação aqui está este ouro, metal precioso, que te dou se me promettes silencio profundo. »

NUNES

E que respondeste a essa injuria feita ao teu character?

SAMPAIO

Respondi-lhe como deve responder, o cavalheiro quando lhe arremegão ao rosto a luva da infamia, disse-lhe imperiosamente! commendador guarda o teu ouro para comprar com eu poder assalariados, mas não a mim, que tenho dignidade bastante, para repetir a tua offerta dourada e que nunca serei instrumento dos cynicos, nunca tu encontrarás em mim um elemento para teus fins perversos, e reprovados, de mais commendador, era teu amigo, houve um dia em que te julguei digno dessa amizade, mas d'óra avante não me estendas mais a mão porque só encontrarás uma de géllo.

NUNES

Pois tivestes coragem para tanto?

SAMPAIO, *allivo*.

Ainda isso não foi tudo, conscio da justiça com que defendia a honra de um dos melhores amigos eu procurei advogar na tua auzencia a tua causa, vi tua honra calcada aos pés, levantei um brado de indignação, cumpri um dever de amigo, disso tenho plena consciencia.

NUNES *triste*.

Basta, se és meu amigo não continues, não queiras arancar-me a alma do corpo ainda vivo

SAMPAIO

Reprovas o meu procedimento?

NUNES

Pelo contrario, meu amigo acabas de exhibir uma prova de subida amizade são favores meu Sampaio, que não se amortizão, é uma divida que não acceita indemnisação, está sempre aberta mas Sampaio eu não tenho coração para estas cousas amo muito Miquelina, amo-a mais do que a vida, nunca suppuz que o ferrete infamante do adulterio, se viesse. estampar em sua fronte bella, suppuz uma cousa...

SAMPAIO *interrompendo-o*

E sahio-te outra

NUNES

Justamente, *o mundo é assim!* eu daria de bom grado a minha vida, para salvar a de Miquelina, porque alem de consorte, eu a considerava filha, e quantos osculos paternaes eu gravei em suas rosadas faces, embalei a em meos braços, vi pela vez primeira seos labios moverem-se e exalarem junto ao meo coração aquelle nome venerando de Pai, cresceu e eu sempre a seu lado, lia no fundo de sua alma as virtudes sacrosantas do evangelho, e no intimo do seu coração o meu nome gravado em letras de ouro, foi crescendo, e eu sempre no meo lugar de honra, as suas crenças erão tambem minhas, e minhas inspirações erão tambem della.

SAMPAIO

Não me digas, o que assaz conheço. reprehende antes a minha imprudencia.

NUNES

Imprudencia!

SAMPAIO

Imprudencia. porque sendo teu amigo, não quiz occultara teus olhos a deshonra de tuas cans (*Nunes chora*) choras, para que lagrimas?

NUNES

E ellas serão abençoadas se lavasse essa nodoa, choro porque é triste é doloroso trilhar sempre o caminho do dever e da honra adquirir uma reputação illibada, fazer o meu nome conhecido e respeitado na sociedade, e depois a obra de tantos annos, de tantos sacrificios cahir por terra em um só momento, ah! é duro é cruel...

SAMPAIO

Mas que queres? são fatalidades da vida, são os arcanos do mundo.

NUNES *imperioso*

Deixa-me deixa-me, não queiras impedir-me de carpir, tambem queres tomar parte em meus infortunios?

SAMPAIO

Eu?

NUNES *refletindo*

Perdão, meo amigo, esqueci-me que estava diante de ti, perdão, ainda uma vez, mas deixa-me carpir eu te supplico.

SAMPAIO

Antes nada te relatasse, estou arrependido.

NUNES

Nunca te arrependas das boas acções, tem antes orgulho por seres dotado desses sentimentos, és um amigo sincero, mas Sampaio, acabas de levantar mais um altar em meu coração ; a tua amizade, e as tuas virtudes, por Deos ! acabo de contrahir contigo, uma divida que só a gratidão pode pagar e a amizade embora mesquinha recompensar.

SAMPAIO

Encaras por esse lado o meu procedimento ?

NUNES

Encaro pela verdadeira face.

SAMPAIO

Mas não creias que fui movido, por um sentimento menos digno.

NUNES

E' uma injustiça, que fazes ao meu character.

SAMPAIO

Agora o que tencionas fazer.

NUNES

Não te disse, que daria a minha vida para salvar a de Miquilina.

SAMPAIO

Sim.

NUNES

E' o que me cumpre fazer ?

SAMPAIO

Como ?

NUNES

O sangue quando lava a nodoa da deshonra, deve correr

SAMPAIO

Mas se eu me oppuzer ao suicidio ?

NUNES

Collocarei em tuas mãos o ferro fatal e apontarei a vitima.

SAMPAIO

E quem é essa victima ?

NUNES

Miquilina

SAMPAIO

Não, não será assim, o commendador tem impreterivelmente de partir para a cidade do Porto, corre já a caza d'elle propõe-lhe um duello. se elle recusar eu me incumbo de te fornecer armas para uma vingança digna.

NUNES

Se eu pudesse dar credito, a tuas palavras.

SAMPAIO

Então Nunes terminarão para sempre nossas relações, uma vez que não sou digno de tua confiança (*vai a] sahir.*)

NUNES

Sampaio, meo amigo não me abandones agora que tão necessario me és.

SAMPAIO, *voltando.*

Fazes o que te aconselhei?

NUNES, *meditando.*

Faço.

SAMPAIO

E o que esperas?

NUNES

Quero encarar pela ultima vez Miquelina e ler em sua frente o libello de seo crime.

SAMPAIO

Então é util minha auzencia?

NUNES

Já que tivestes a lembrança.

SAMPAIO, *entrando na esquerda.*

Bem, occulto-me naquelle quarto, se minha presença for necessaria não me farei esperar (*sahe*)

#### Scena IV

NUNES só

Que quadro pavoroso é esta vida, trilha o homem o caminho da honra e do dever, grangea uma reputação altiva e superior aos botes da calumnia, sacrifica a sua vida, abandona seos principios, abnega sua opinião encontra espinhos e abrolhos.... atravessa crises assustadoras, e depois no penultimo quartel da existencia, quando no doce remanço da paz devia gosar as delicias do mundo, vem o opprobrio, a infamia lançar tudo por terra. .. é triste, é doloroso... mulher, mulher o que fizeste da tua innocencia? anda, estou ancioso, quero ler em tua frente o titulo accusatorio do teu crime... quero interrogar-te, e rir-me de tua hypocrysia, mas o commendador... o melhor de meos amigos... (*Mequilina entra em scena rapidamente*)

**Scena V**  
**NUNES e MIQUELINA**  
MIQUELINA

Estavas só ? ouvi palavras.

NUNES

Era eu... estava fazendo uma eloquente exclamação!

MIQUELINA

Nesse caso vim interromper-te ?

NUNES

Não

MIQUELINA

Se tencionas continuar, retiro-me

NUNES

Primeiro tenho que lhe dizer.

MIQUELINA

Alguma novidade ?

NUNES

E'... li hoje um romance original e não me pude conter com tanto cynismo

MIQUELINA

Pois ainda acreditas no que escrevem os escriptores contemporaneos ?

NUNES

Não.... o Doutor esteve cá hoje ?

MIQUELINA

Ainda não ha minutos que daqui sahio

NUNES

Bem, vou a casa do commendador

MIQUELINA

Sem duvida algum negocio de urgencia ?

NUNES

E' verdade... é a minha honra que o reelama

MIQUELINA

A tua honra ?

NUNES

Sim Miquelina, pertenço a uma das mais respeitaveis familias portuguezas, as gloriosas tradições de meos antepassados são para mim uma reliquia sagrada, profanar essas glorias seria calcar aos pés o meo pudor e a independencia do meo caracter, não, do alto de minha nobreza heide repellir com energia o ultrage que me é feito.

MIQUELINA

Que ouço? que palavras são essas?!

NUNES

Mequilina, houve um tempo em que eu acreditava em tuas palavras como acredito em Deos, porque eu julgava-te um anjo, e na realidade fostes anjo enquanto outro anjo não profanou a obra divina, mas esse anjo, é o anjo mau que penetrou em teu camarim alcatifado e tocou-te com suas azas malditas, profanando assim a obra do Creador... mas fica em paz do senhor, não abandones a linda carreira que acabas de encetar, piza orgulhosa e altiva as flores matizadas que se encontrão nesse caminho, sim corre a passos lentos que não serei eu que me levante a tua frente para te fazer recuar.

MIQUELINA

Antonio por quem és, diz-me que isto é um sonho, eu apello para a tua vontade e não para a tua benevolencia, preciso da-quella, mas não exigo esta.

NUNES

Appella antes para a tua consciencia, julga tribuna l supremo e encara firme a hediondez do teu cynismo e arrojo.

MIQUELINA, *meditando.*

Já contengo o trama ja aparece atravez das conjecturas a mão do amigo falsario que jurou aos seus deuses lançar a discordia entre uma familia respeitavel por mais de um titulo; que a diffamação appareça é crível, que ella seja propagado não é possível... Antonio encara a minha frente e verás ali o mentido mais cabal a essas calumnias mesquinhas, queres que invoque o nome de Deos para corroborar o que levo dito?

NUNES

Podes invocal-o, mas em vão, porque eu não darei mais ouvidos a tuas palavras, Miquelina no estado critico em que te collocates, na posição melindrosa em que estamos, um de nós deve morrer, não quero que sejas tu, quero deixar-te a bello prazer saborear as dilicias de uma nova vida, a aurora de uma nova posição é sempre acolhida com applausos e saudada com frenetico enthusiasmo; fica completa a obra da infamia seja eu a victima sacrificada em holocausto, é mais uma corôa de martyrio, mas seja eu o martyr e tu algoz. (*movimento de sahir*)

MIQUELINA, *chorando.*

Antonio ?

NUNES, *voltando*.

O commendador tem muito ouro, é muito rico, e em breve se seus planos não forão malogrados, será barão, já vez que auspiciosa é tua carreira. Serás ditosa e feliz, nos braços delle encontrarás o que nunca encontrastes nos meos, de mais ao peito pende-lhe uma commenda, não é um simples plebêo, é um fidalgo da alta aristocracia portugueza, não é um homem do povo, é um titular illustre....

MIQUELINA, *interrompendo*

Basta Antonio

NUNES

Não invoces mais este nome, não te lembres mais delle, por que não o podes pronunciar, sem corares do teu arrojo e cynismo, e sem que os remorsos te torturem a consciencia, eu bem o advinhava mas tinha fé, é singular quando a fé, em vez de salvar, mata, mas eu preciso morrer, para occultar a face do mundo o teu crime, e no tumulto a minha vergonha, porque eu não poderei mais na minha vida, apparecer perante o mundo, perante a sociedade, de viseira levantada, e de fronte erguida (*Miquelina chora*) choras? mas debalde, porque nem a cristã e limpa agoa do Jordão, pode lavar a nodoa do adulterio, quando mais essa que é fingida, desengana-te, pôr que tuas lagrimas, não podem abrandar minha dôr, não é o agoa dos olhos, que lava a nodoa do adulterio, mas é o meu sangue, que vai correr, é o sangue de um innocente, que lava o crime do peccador, Jesus tambem era innocente mas foi preciso seo precioso sangue correr para regenerar a humanidade.

MIQUELINA, *limpando as lagrimas*.

E's injusto, se não lêes nestas lagrimas, a innocencia de minha alma e a pureza de minha consciencia, falla com calma, indaga os factos, porque o juiz recto, e independente, não condemna por méras conjecturas, estuda reflectidamente a accusação e a obra da iniquidade, não lhe abala a consciencia, e depois de tudo correr seus termos, depois de ouvir a defeza de conhecer a sua evidencia, condemna ou absolve, se a sentença é injusta, se a obra da iniquidade triumphou, ainda assim fada essa hypothese, a responsabilidade moral desse acto, não cai sobre a consciencia do juiz, porque elle, interrogou o delinquente, ouviu a accusação e a defeza: a sua convicção.



inclinou-o para a condemnação, preferio a sentença condemnatoria, é bom juiz.

NUNES

Estás muito adiantada em jurisprudencia, discorres em um estilo eloquente, que o mais afamado jurisconsulto, não te ganha a palma.

MIQUELLINA

Condemnar sem ouvir o accusado, proferir uma sentença condemnatoria, sem conhecer o alcance do delicto nem a extensão da defeza, não é fazer justiça, e dar campo a obra do absurdo e da iniquidade, e calcar a lei aos pés, é zombar da moral publica.

NUNES

Que eloquencia ! ! que estylo ! ! que intelligencia .

MIQUELLINA

Tens trovejado a teu sabor, tens-me atirado a face os mais immundos improprios e doestos, curvei humildemente a fronte ao peso estrondoso de tuas palavras, mas não a sua evidencia, não me arrojéi a teos pés, porque não necessito, implorar piedade, agora hás-de ouvir-me, cahe-me a palavra, não me acastelarei no campo vago da declamação, e das banalidades, não te acompanho nesse terreno, porque, não me quero tornar echo da calumnia, nem da injuria.

NUNES

Eu não admito, esses aranzeis, de mais a nossa questão está julgada, por sentença passada em tribunal superior, e para tí não ha mais compaixão.

MIQUELLINA

Nem eu a mendigo, compaixão ? para que ? queres ver-me arrojada por terra, vertendo lagrimas de sangue, e de mãos levantadas implorar piedade, não, não o conseguirás, porque tenho consciencia de meus actos, e a consciencia não se humilha como o cordeiro, nem se acabrunha como a victima.

NUNES

Aindão terminou o discurso ? !

MIQUELLINA

Não ; necessito ainda fallar, e muito, não para patentear a minha innocencia, e a calumnia de que sou alvo, mas para te convencer, da tua injustiça..... houve um tempo Antonio, em que eu via em tí um pai, e nesse tempo, eu era muito feliz, e tu ainda mais ; mais tarde unidos, pelo laço nupcial, a nossa

amizade, tornou-se íntima, e reciproca, eramos dois anjos uma aureola de púrpura, nos cingia a fronte...

NUNES, *interrompendo-a*.

Mas para que trocastes essa aureola de púrpura, pelo manto hediondo da infâmia ?

MIQUELINA

Basta, contra o absurdo, não ha logica, questionar assim é uma questão eterna, evidentemente pertendes lançar-me em rosto. todo o veneno da calúnia, fazes bem, não te reprehando, já advinhei, chegastes fatigado, queres repouzar, a reprehensão agora, era justa, vou apromptar o leito, has-de descançar, é um castigo tremendo ( *sae* )

### Scena VI.

NUNES só

Não sei o que me diz o coração, este bater violento, esta inclinação, se me fosse premetido consultar o oráculo, e eu acreditar no sonambulismo ; a verdade está de um lado, e do outro a calúnia, se uma luz derramasse seus raios, no meio de tantas e tão densas trevas, se eu pudesse dar credito ás palavras do meu amigo.

### Scena VI

NUNES E SAMPAIO

SAMPAIO,

Pois duvidas de sua veracidade ? !

NUNES

Duvido, e tenho razões a allegar.

SAMPAIO

E's muito feliz Nunes.... nem a hypocrisia de tua mulher, nem a sua arrogancia, te levarão a uma conclusão, conclusão, que te patentei, a luz da mais íntima evidencia, sou teu amigo Nunes e prezo-me disso, e nessa qualidade, entendi que devia velar por tua honra, via-a ultrajada, e calcada aos pes, fiz o meu dever, dever de bom amigo... Nunes empenho a minha palavra de honra, confirmando as minhas asserções... agora o que fazes ?

NUNES

Abraço teu conselho, é um duello de honra, e Deos é justo, Sampaio acompanha-me.

SAMPAIO

Partamos ( *acção de sahir* )

NUNES

Sim, deixemos este theatro, aonde se consuma a mais ridicula comedias da escola moderna, mas continua a protogonista a representar o seo papel de cynica. ( *sacm* )

### Scena VIII

AFFONSO só

Ora esta, e que tal, o patrão deitado, a estas horas, provoca riso, tal disparate parece uma fabula, igual aos contos *das mil e uma noites*..... e a minha famosa comedia, vou tornar meo nome conhecido, nas cinco partes do mundo, elle será repetido com frenetico enthusiasmo na Europa, Asia, Africa, America e Oceania, vou conquistar uma reputação altiva, e uma fama immortal, mas antes da comedia ha para mim, outro dever mais rigoroso e exigente, amo... amo muito, amo pela sympathia, amo pelas inspirações, e amo finalmente, pelas crenças porem ella zomba deste amor, tão puro e tão innocente, e para tornar mais dolorosa a minha agonia atira-me a face este nome odioso de « Engeitado » engeitado, é o mesmo que dizer judeo nome proscripto, e sobre o qual cai a todo momento a maldição de uns, e o sarcasmos de outros... Engeitado é um nome sem sentido, escripto na historia dos povos, pela mão de Satanaz. Engeitado, sempre este nome, sempre este echo sahindo de todos os angulos, para me atormentar... porque um homem, é engeitado, perdeo os firos de amar, esta doutrina, é contrario a todos os principios de humanidade, e como tal, deve ser condemnada.

### Scena IX

DEOLINDA e AFFONSO

DEOLINDA

Transferistes para aqui, o camarim de teus festins litterarios?

AFFONSO

Viestes a proposito, tenho muito que te dizer.

DEOLINDA

E' sobre os negocios da Grecia, ou do Mexico?

AFFONSO

Se fosses homem, occupavas o primeiro lugar na nossa diplomacia.

DEOLINDA

Postes infeliz na lembrança, se eu fosse hamem, seria escolhido para Rei dos gregos.

AFFONSO

Convenho, todos recusão o throno hillenico.

DEOLINDA

Mas eu dou-te minha palavra de honra, que não recusava, tenho muita ambição de ser rainha, embora meus suditos, fossem bandidos.

AFFONSO

« Quem dirá que destas selvas não sou o rei ? » dos bandidos.

DEOLINDA.

Roubastes esse trecho ao nosso fecundo poeta Palmeirim?

AFFONSO

E' porque ando compondo uma comedia, fantastica de grande espectaculo, e á falta de materia, ou na ausencia de idéas esca-recidas, agarro phrases a gancho, e depois cheio de impavidez, heide ostentar em publico, que sou um illostrado dramaturgo, e omais que bem me aprouver

DEOLINDA.

Nãote esquecendo de pôr no fim — improvisado.

AFFONSO

A comedia é escripta em estylo poetico, e dei-lhe o sublime titulo de *Canticos sonoros*, aquillo é uma obra de dar gloria, eu pertendo pintar nella todas as cores da sociedade, o artista-o commerciante, o proprietario, em conclusão hade haver comida para todos os paladares... até os actores terão um bocadinho.

DEOLINDA.

Muito bem. dou-te os meus emboras, ora diz-me em quanto actos tencionas dividir essa ferosa comedia ?

AFFONSO.

Tenciono dividil-a da seguinte maneira : 5 prologos, 17 actos 25 quadros e 9 epilogos.

DEOLINDA.

Apre... leva uma noite a representar.

AFFONSO

Tres se me faz o favor.

DEOLINDA

E os expectadores, tem de se conservar tanto tempo no theatro

AFFONSO

Se quiserem, se não pode folgar, rir, chorar, dormir e ainda encontrarão comedia.

DEOLINDA

Deve ter muitas personagens.

AFFONSO

Não chegam a mil, mas paixão de oito centas.

DEOLINDA

Com a breca, é uma chusma sofrível.

AFFONSO

Logo que se levanta o panno, deve apparecer em scena, pelo menos seis centas, falando todas a um tempo.

DEOLINDA

E uma confusão geral.

AFFONSO

E uma algazara infernal.

DEOLINDA

Na comedia, deve figurar alguma personagem politica, por isso é provavel, que fales nos negocios da Grecia, do Mexico e da Polonia

AFFONSO

Fallo em tudo e de todos... ate no proprio satanaz, que reina nos abysmos do inferno... dou uma tremenda lição de leva abaxo, no theatro antigo, censuro com energia os dramaturgos que disso se tornão dignos, elogio aquelle cujo nome, por si mes mo é o mais eloquente elogio a que se pode aspirar, dou uma corrida no ridiculo da sociedade, levanto minha voz, authorisada, em prol dos heroicos Polacos, victimas da prepotencia e da tirania, combato com vehenencia os pais, que abusando do ministerio santo que Deos lhe confia, abandonão seus filhos, aos assares do infortunio, e espalhando-os pelo mundo sem um nome, e sem um nascimento, contra tão monstruoso procedimento levanto um brado de indignação; já vez que trato de todas as materias, quer em philosophia quer em litteratura, quer em sciencias e finalmente quer em politica.

DEOLINDA

Pelo que vejo é uma mistura de grelos.

AFFONSO

Apenas a comedia seja levada a scena, eu conto com uma inchente Real. hade vir gente de todos os angulos deste reino; applaudir a pro-lução de minha lavra, e ao som de ovações dis-pensar-me uma tremenda porção de palmas, e por fim uma coroa de louros, que hade cingir esta fronte rustica.

DEOLINDA

Mas qual é o theatro, que pode acolher tanta gente?

AFFONSO

Ja está em construcção é feito de proposito. o palco é um vasto salão, imitando o grand e templo de Salomão. o theatro é grande como a torre de Babel, é uma segunda Baby-lonia.

DEOLINDA

Pelo que observo, a comedia é do tempo de Moyaes ou de Abrahão?

AFFONSO

Nessa não cahia eu, sou inimigo da escola antiga, portanto desmenteria as minhas crenças se escrevesse em estilo passado, eu heide elevar-me a altura de MENDES LEAL, isto é, não ambiciono o poder mas heide subir, e subir muito.

DEOLINDA

Para o depois o abysmo ser mais profundo.

AFFONSO

Nada, subir para cahir, é melhor olharecá debaixo, para os que estão em cima, MENDES LEAL porém, é um genio sublime, escriptor proeminente, talento fecundo, poeta pelas crenças e pelas ins-  
rações da divina epopêa, elle no seo magnifico drama. « Pedro » prophetisou o seo futuro, character nobre, homem de crenças e principios MENDES LEAL subio ao poder, não fez porém degraos do povo, o seo talento incontestavel, o seo patriotismo assáz conhecido, a poesia forão os seos degraos... hoje e ministro, é o poeta deixando sua lyra maviosa, e abraçando os altos destinos do paiz, é o dramaturgo deixando florescer no palco, suas composições sublime, e indo guiar a nau do Estado, é o homem do povo, coberto de louros, vestindo a farda agaloada de ministro, e confirmando esta maxima — o poder e querer. —

DEOLINDA

Que me importa a mim lá com essas cousas... ficas?

AFFONSO

Em tua companhia, agora tive uma boa lembrança em lugar da comedia durar tres noites, vou compol-a de maneira que dure tres mezes.

DEOLINDA

Isso é um absurdo.

AFFONSO

Estou na minha quinta gosto dos absurdos e já vez que

nesse caso tudo é absurdo e a comedia como filha do absurdo deve ter 18 prologos 126 actos 935 quadros e 28 epilogos, é uma cousa pasmosa e nunca vista nos nossos dias, mas deixando a litteratura de parte vou fallar-te de nosso amor.

DEOLINDA

Evidentemente é loucura, ainda bem que ha azilos para quem padece da memoria.

AFFONSO

Ah ! Deolinda que desconheces este amor...

DEOLINDA

Affonso é tempo de terminar essa mania que já parece uma epidemia reinante, diz-me será isso ou não loucura ?

AFFONSO

De me querer casar contigo ?

DEOLINDA

Fallas em casar como se fosse em uma casca de alho, isto não é proprio de um dramaturgo, ora vamos as consequencias, o que seria de nós casados ? sem uma alma bemfazeja que nos abrisse a bolça, sem uma mão amiga que se estendesse para apertar a nossa ?.

AFFONSO

Essa mão existe.

DEOLINDA

Aonde !

AFFONSO

Deolinda sei que sou tão infeliz que a Divina Providencia nem ao menos se dignou apontar-me uma Mãe ou um Pai. é um castigo tremendo mas é um crime ainda maior para o autor de tal preversidade, abandonar a carne de sua carne, o sangue de seu sangue aos azares do mundo e aos infortunios do acaso é uma pagina negra e hedionda que a civilização actual ainda não pode rasgar, e que a justiça dos homens não pode punir...

DEOLINDA

Mas que a justiça de Deos, saberá castigar.

AFFONSO

Sim, é essa uma verdade consoladora... ja vez pois que estudei na miseria o que não me lembraria nomeio da opulencia e da vaidade, entendi que o homem que nasce abraços com o infortunio que encontra no mundo o trabalho a sua espera, se quer com-seo fruto alimentar a obra da natureza, entendi pois que o homem que nasce debaixo dessas condições deve encostar-se

aquelle a quem bafeja suave a felicidade e para quem se abre de par em par os salões alcatifados da verdadeira aristocracia... o commendador Pinheiro é um character nobre e independente, alma generosa, coração philantropico elle abraçou-me qual pai que a longo tempo está separado do filho.

DEOLINDA

Mas o que ha de commum entre a philantropia do commendador e os teos projectos?

AFFONSO

Há muito, a caridade desse illustre cavalheiro concorre muito para a nossa união, é um elemento forte, é uma mão amiga que se estende para apertar a nossa, apontando-nos o caminho do dever.

DEOLINDA

Nesse caso faça-se a tua vontade, mas não deixemos estes tectos, o commendador é bom pede-lhe mais um favor, elle graciosamente annuirá, diz-lhe que consideramos esta casa materna, que queremos continuar a viver aqui e elle que se empenhe, com o Sr. Nunes (*escutando*) ouço passos... quem será?

AFFONSO

E' o commendador deixa-me só com elle

DEOLINDA

E' justo. (*sae*)

### Scena X.

#### COMMENDADOR E AFFONSO

COMMENDADOR.

E' assim que se cumpre a palavra.

AFFONSO

E justa a reprehensão, acceto-a

COMMENDADOR,

Como vão as tuas flores,

AFFONSO,

Estão muito lindas, o meo jardim em menos de um mez estará mais bello do que o de V. Ex.

COMMENDADOR

Quero ver essa elevação e admirar a belleza de que me falas

AFFONSO

V. Ex. ja sabe

COMMENDADOR,

O que?



AFFONSO

Deolinda aceita a minha mão, mas só V. Ex. pode resolver uma dificuldade que está ao seu alcance sem grande sacrificio

COMENDADOR

Fala,

AFFONSO

É um favor que vou exigir de V. Ex. mas tenho acerteza de que encontrarei sua vontade disposta a annuir ao meu pedido

COMENDADOR,

Adiante,

AFFONSO,

Deolinda está disposta a casar-se comigo com a condição de não deixar esta casa

COMENDADOR

Comprehendo, e não ponho duvida alguma em pedir esse favor ao Antonio,

AFFONSO

V. Ex. cada dia se torna digno de minha estima, sinto Sr. Commendador não poder dar-lhe uma prova de minha gratidão,

COMENDADOR

Deixa-te disso, vamos ver as flores (*saem*)

## SCENA XI.

DEOLINDA e depois MIQUELINA.

DEOLINDA, só

Eu ligar-me a um homem sem um nascimento, sem um pai que lhe dê um nome, um enfeitado... enfeitado.. muitas vezes é o fructo de um crime enfeitado, é sempre um nome repugnante escripto no livro do destino pela mão da desgraça... Pais des-naturados mães deshumanas que abandonão o seu proprio sangue a um mundo de injustiças, a um mundo aonde a vaidade se coloca a cima da virtude, enfeitado... e heide eu ligar-me a um enfeitado? (*entra Miquelina.*)

MIQUELINA

Tambem fica aqui?

DEOLINDA

Não senhora

MIQUELINA

Vá ver se o Affonso está no jardim

DEOLINDA

Sim senhora (*saem*)

## Scena XII:

MEQUELINA *só*

Houve um tempo e não vai longe em que eu via no Antonio um exemplar marido, um bom pai, pai por que cresci em seus, braços, marido por que mais tarde unidos pelos laços nupciaes elle me deo provas de um amor não mentido! hoje porem tudo mudou-se é um misterio tenebroso, é a calumnia occupando um lugar distincto, é a diffamação em luta com a honra, a diatribe com a virtude, nada admira nestes tempos, seja a innocencia sacrificada em holocausto, levante-se altares a vaidade cubra-se de pergaminhos a infamia; escarneça-se da virtude, calque-se aos pés a honra, são fructos do tempo e flores da quadra, e dizem os apologistas da corrupção que tudo é progresso que estamos no seculo das luzes e apregoem por seos arautos que a civilisação é o pharol da humanidade a luz da intelligencia e o clarão da sciencia (*pequena pausa*) mas quem não vê neste trama a mão falsaria do adversario encuberto com a mascara de amigo? que não vê a sua obra em execução? os seos plonos em movimento? sua vingança em acção? mastreme insensato, treme de uma mulher que tem por escudo a justiça. e por capa a innocencia: ...sinto passos... quem será?

## Scena XIII.

MEQUELINA E SAMPAIO.

SAMPAIO, *ajoelhando-se*.

Pela segunda vez, arrojado a teos pés representando a humilde figura de penitente, eu te confesso este amor, tão puro quanto justo, esqueça-se do passado não me atire a face, aquella scena de humilhação, veja só, a seospês um homem, que jamais curvou a fronte, a nenhum outro mas que repleto de amor vem de joelhos mendigar uma esmola de...

MEQUELINA, *interrompendo*.

Levante-se Doutor.

SAMPAIO, *levantando-se*.

Obdeço.

MEQUELINA

O Sr. falou em uma scena de humilhação, e no entanto, vem ser actor, de outra mais redicula.. é na realidade muito cynismo.. bem, eu estou em minha casa, e portanto tenhoo direito de o mandar retirar.

SAMPAIO

E u retirar-me?

MEQUELINA

Sim, se não quer corar do seo arrojo... Doutor a honra de uma familia portugueza, não é um brinco que se mercadeja na praça publica, se o Sr. tem sentimentos, se preza a sua dignidade, abandone esse papel rediculo, improprio de cavalheiro.

SAMPAIO

Quer reprehender-me?

MIQUELINA

Se a reprehensão o tirasse desse caminho.

SAMPAIO

De que caminho fala?

MIQUELINA

Da infamia

SAMPAIO

E'um novo insulto, é outra humilhação, e não terei eu o direito, de protestar solemnemente, contra tão inaudito procedimento?

MEQUELINA

Tem razão Doutor, é mais digno o procedimento do homem, que debaixo do falso titulo de amigo procura tisonar a honra de um exemplar marido, é mais digno o proceder do homem que olha com desprezo para honra desse amigo, e a procura macular.

SAMPAIO

Que linguagem desabrida, que atrevimento inaudito.

MEQUELINA

E o Doutor, aquem estas semsaborias cauzão tedio porque não se retira?

SAMPAIO

Nunca, aqui recebi a injuria aqui devo ser desagravado, eu não poderei transpor o limiar desta casa, de viseira levantada, sem que o ferrete negro da calumnia, caia aos pés do agressor., a minha honra vilpendiada reclama justiça, daqui não sahirei sem que ella seja feita.

MEQUELINA

Nesse caso, retiro me eu *(acção de sair)*

SAMPAIO *interrompendo.*

Não Miquelina... não queiras tornar mais doloroso este supplicio, ouves as minhas palavras, como um simples gracejo mas não me queiras matar, uma ironia tua, é uma seta venenosa, que fere mortalmente o coração, poupa-me ao menos este desgosto, eu adoro-te amo-te. amo-te mais do que a vida, é um amor

que só eu conheço, porque se tu o avaliaasses não hesitarias de te estenderes em meos braços para saboreares, as delicias de um verdadeiro amante.

MEQUELINA

Doutor, é tal a loucura de suas palavras, é tal o tédio que ellas me causão, que eu não vejo diante de mim um homem, vejo um... demonio.

SAMPAIO

Cruel. coração de bronze. que nem ao menos tens compaixão de mim.. Mequelina queres o meo sangue. queres o meo futuro, queres minha vida? tudo é teu, mas em compensação da-me uma esmola do teu amor.

MEQUELINA

Não termina esta ridicula comedia?

SAMPAIO

Termina quando teos labios se moverem, e exclarem, amo-te.

MEQUELINA.

Outro homem que não fora o Doutor teria curvado a fronte, ao peso de minhas palavras, tenho fulminado a sua ousadia com o meo indiferentismo, e no entanto nem este indiferentismo tão manifesto, nem a energia de minhas palavras nada abale esse cynismo que lhe serve de dogma.. Bem, eu cheguei a uma conclusão... o Doutor quer satisfazer um capricho momentaneo, entende que para o satisfazer deve lançar mão de tudo e nesse intuito eil-o altivo invadindo o santuario de uma familia honesta e virtuosa.

SAMPAIO

Perdão não fui tão indiscrepto.

MEQUELINA.

Mas foi mais... imprudente...

SAMPAIO:

Pois será imprudencia amar? será imprudencia confessar esse amor? será imprudencia, um homem arrojarse aos pés de uma mulher, e diser-lhe-amor-te? não applaudo esta logica, e quando ella podesse ser admitida, como legal, o mundo tornava-se um composto de imprudentes... todos no mundo amão, o amor é uma crença, crença é uma religião, as proprias indigenas, que vivem barbaramente nas florestas, desviadas das vaidades do mundo, e das delicias da vida, essas mesmo se amio reciprocamente, e o que seria o homem, sem amor e sem crença? seria um corpo inanimado, um cadaver sem vida...

MEQUELINA

Basta Doutor, não prolongue mais esta scena, tenho sido indulgente para o seu cynismo, a paciencia tem limites, e eu desmentiria a nobreza de meos antepassados, e os meos principios de hoje e os meos calculos de amanhã, se continuasse a ouvir os seus sarcasmos e as suas... asneiras.

SAMPAIO

Asneiras?

MEQUELINA

Disse mal, devia ter dito loucuras.

SAMPAIO

Loucuras?

MEQUELINA

Não desço a mais explicações, fique com sua incerteza que eu vou com minha convicção (*vai a sair*)

SAMPAIO, *procurando interromper-a*

Miquelina

MEQUELINA

Deixe-me, vou para evitar nova polemica, e mesmo qualquer violencia de que o julgo digno. (*sae*)

#### Scena XIV.

SAMPAIO, *só.*

Novo suplicio.. nova ironia, e tudo isto da boca de uma mulher... e deixal-a ir sem ir vingar a minha honra ultrajada. ouvir as mais torpes injurias, as mais atrozes calumnias, e tudo da boca de uma mulher. ver cuspir em minha face, ficar com o rosto livido e calar uma afronta destas... e tudo da boca de uma mulher! Ah! não mil vezes não... o homem quando desce não conta os degrãos, julga estar no principio quando se está no ultimo... dá fé de si é tarde. descei estou no ultimo degrão de minha decalencia, que importa, para me rehabilitar é tarde, agora resta a vingança... hei de vingar-me de esta mulher e quando não realise meos projectos, direi ao commendador: «tua mulher está manchada em sua vida domestica,» e apontando para Nuzes, direi e ali está o autor desta infamia, provas, provas gritarão elles (*tirando um papel do bolso*) então exhibirei este documento, e a calumnia triumphará... (*pensando*) mas aquella humilhação... ah! mulher, mulher, que espero? mãos a obra. (*sae por onde entrou Mequelina*)

**Scena XV.**  
**COMMENDADOR e AFFONSO**

COMMENDADOR

Tens um gosto magnifico... sabes que mais, adeos

AFFONSO

Ja vai? não falla a patrôa?

COMMENDADOR

Ja me esquecia.. vaichamal-a

AFFONSO

Sim senhor. *(sae)*

**Scena XVI,**  
**COMMENDADOR, e DEPOIS NUNES**

COMMENDADOR, *so.*

E' meu filho é o sangue de meo sangue, e eu quero-lhe tanto como se fosse filho de minha mulher legitima, é meo filho embora perante o mundo, eu seja um protector, e elle um estranho, nem por isso me esquivarei dos deveres inherentes, ao cargo que Deus me confiou, sou pai e este titulo é o querido é bastante para me apontar o caminho do dever .. Sou pai tenho muitos filhos, mas quando Deos por sua infinita Omnipotencia, me chamar à patria divina, não deixarei meos filhos a braços com a miseria nem estendendo a mão á caridade publica, se não poder legar a cada um, uma herdade legar-lhe-hei ao menos um brazão de nobreza e os sentimentos mais nobres de coração, portuguez *(pequena pausa)* bem longe vai o tempo de meos revezes e de minhas levandades tentei escrever uma pagina negra na historia de meos antepassados, antes porem de traçar, as letras a penna caiu-me da mão; e o arrependimento veio a tempo de me salvar, estive preso ao crime, mas de um só impulso quebrei as cadeas de ferro, rehabilitei-me appareci de fronte erguida, perante a sociedade, com a abnegação e com a philanthropia fui adquerindo e conquistando titulos de estima, o mundo aplaudiu-me e hoje sou o que sou, estou sentado em um pedestal honroso, as homenagens vem de todos os angulos felicitar-me, sou muito feliz. *(entra Nunes)*

NUNES

Por aqui Pinheiro ?

COMMENDADOR

A tua espera

NUNES

Sim, alguma novidade?

COMENDADOR

Nenhuma, vens um tanto fatigado, é melhor descansar  
volto logo para fallarmos mais amplamente.

NUNES

Sim ; enganas-te temos contas a ajustar

COMENDADOR

Que contas ? nunca tivemos transacção algum só se ami-  
zade, é tambem *deve e haver*.

NUNES

As nossas contas, são domesticas, que é o mesmo que dizer,  
transacções intimas de familia.

COMENDADOR

Que linguagem é essa

NUNES

*O mundo e assim*

COMENDADOR

Queres regenerar a humanidade !!

NUNES

A hypocrisia, é a mascara de certas *harpías* da sociedade  
actual que vivem debaixo do manto da probidade.

COMENDADOR

Bem, comprehendo queres ser palmatoria do genero humano ?

NUNES

Hoje a amizade é sordida, por mesquinhos pensamentos  
aperta-se a mão do marido, para se illudir a mulher, sempre  
hypocrisia, é assim que principia a discordia entre uma familia  
respectavel, por mais de um titulo, é assim que se lança a  
anarchia entre dois anjos, que habitas o paraizo terrial, é fi-  
nalmente assim, que a honra de uma familia, é levada ao pe-  
lourinho da diffamação, tornando-se o alvo dos sarcasmos de  
uns, e dos alvies de outros..

COMENDADOR

Exigo, quero, e tenho direito a uma explicação sobre o sen-  
tido dessas palavras.

NUNES

A explicação que lhe dou, é que terminarão nossas relações,  
que finalmente somos dois inimigos, e por tanto, na qualidade  
de adversario, atira-lhe a luva desafiando para um duello ;

COMENDADOR

Dirige-se a mim ?!

NUNES

Sim ; porque é tempo de te arrancar essa mascara.

COMENDADOR

Dirige-se a mim, ainda uma vez, pergunto ?

NUNES

Sim ; ainda uma vez respondo, dirigo-me a ti que me trahistes, calcando a minha honra aos pés.... ah ! se o arrependimento te pode absolver... se tu não queres, que a maldição de um innocente, peze sobre tua cabeça, pede-me compaixão...

COMENDADOR

Que espectáculo é este ! o que terá este homem ?

NUNES

Tem o veneno de tua perversidade no coração e o ciúme n'alma.. não me implores piedade ! o meo sangue cahirá sobre tua cabeça, e minha maldição sobre tua alma,erei um espectro que te perseguirei cruelmenteerei um fantasma que te acompanharei por toda a parte

COMENDADOR, atônito

Estarei eu em um asilo de alienados ? (*neste momento entra Miquelina em scena perseguida por Sampaio, que fica estupefacto quando encara Nunes*)

**Scena IV**

COMMENDADOR, NUNES, SAMPAIO e MIQUELINA.

SAMPAIO.

Traição infame (*hilaridade*).

NUNES.

Miseravel... insensato.

COMMENDADOR.

Que comedia é esta ?

NUNES.

Sampaio... Sampaio és um miseravel ! !

MIQUELINA

E' o verdadeiro cynismo claro em toda a nudez.

SAMPAIO.

Calla-te mulher do inferno !

NUNES a Sampaio.

Sustenta agora na presença do meu illustrado amigo a accuzação que lhe fizestes.

SAMPAIO.

Calla-te homem de satanaz (*Cruza os braços e fica meio da scena como uma estatua*).



MIQUELIA; *apontando.*

E' uma estatua; representa o cynismo!

NUNES

Sampaio duvidaste da justiça de Deus, assim como zombastes da dos homens, não te lembravas que a mascara havia de cahir... e apparecer a hypocrisia?

COMMENDADOR.

Já comprehendo a comedia, a estatua a symbolisa.

NUNES, *de joelhos diante do Commendador.*

Absolves-me Pinheiro.?

COMMENDADOR *levantando.*

Absolver-te?!

NUNES

Sim; por que sou criminoso a teos olhos, és um cavalheiro illustrado, e eu duvidei de teos sentimentos e da nobresa de tua alma, a verdade porem é uma luz divina, que penetra nas mais densas trevas, absolve-me Pinheiro, preciso de tua absolvição.

COMMENDADOR

Está absoldido por sentença passada em julgado.

NUNES; *estendendo-lhe a mão.*

Sejamos amigos.

COMMENDADOR, *o mesmo.*

Amigos como sempre.

NUNES *de joelhos diante de Mequelina.*

Preciso tambem de tua absolvição

MEQUELINA, *levantando.*

Não absolvo duas vezes... *(apontando Sampaio)* encara aquella estatua viva .. é o cynismo em acção.

NUNES; *a Sampaio.*

Não te defendes Doutor.? não balbucias? tornas-te livido? o corar não é tudo, não é nada; nem ao menos curvas a fronte a sentença por ti fulminada?!

COMMENDADOR

Deixemos esse homem, e falemos de Affonso . . interesse-me por elle

NUNES

Sim?

COMMENDADOR

E cazejo protegê-lo.

NUNES

Comprehendo.

COMMENDADOR

O rapaz, quer casar-se com a Deolinda.. não querem porem, deixar esta casa, em fim desejão continuar no exercicio de seosdeveres.

NUNES

Annuo atão justo pedido, acrescentando ao salario de Affonso 10 libras annuaes, e me offereço para padrinho do casamento.

MEQUELINA

Eu possuida de iguaes sentimentos, acrescento oito libras ao salario de Deolinda, e me offereço para madrinha do concorcio

### SCENA XVIII.

OS MESMOS AFFONSO e DEOLINDA, *que houve as ultimas palavras de Mequelina.*

DEOLINDA

Minha Sra. accetto sua nobre offerta, e amortirisarei essa divida com a gratidão.

COMMENDADOR

Alcancei o que ambicionava, fiz o dever de protector.. agora cumpre fazer o de pai.

AFFONSO, *movimento de attenção.*

Pai... este nome... meu pai!

COMMENDADOR.

Sim és meu filho e como tal te proclamo perante este auditorio e perante o mundo.

AFFONSO, *alegre.*

Pai...? Pai duas vezes; dá-me a felicidade e com ella um nome... Deus é justo!

NUNES.

E faz justiça, punindo o crime e recompensando a virtude. *(apontando para Sampaio)* o crime está ali, *(apontando para o Commendador)* e a virtude está aqui.

AFFONSO.

Deolinda *(estendendo-lhe a mão)* dá cá a tua mão, aperta bem a minha, não é a de um engeitado, de um homem sem nascimento, quem t'apede, é o filho do comendador Pinheiro é o descendente de uma illustre familia portugueza.

DEOLINDA, *depois de estender-lhe a mão.*

Affonso a felicidade está ao pé do infortunio. são dous companheiros inseparaveis. quando, desaparece um apparece outro apertando a lua mão, aperto a felicidade e com ella teu amor . . o teu coração, e o nosso fucturo.

COMMENDADOR.

Restituindo-te um nome meu filho, cumprio um dever sagrado, descarrego minha consciencia e faço verdadeira a tua felicidade.

AFFONSO.

Meu pai, em nome de Deus agradeço-lhe essas palavras, agora para este momento ser solenne, rehabilitemos este homem (*apontando Sampaio*) da apathia a que o levou o cynismo (*Sampaio desculpa os braços.*)

COMMENDADOR.

Pela minha parte estendo-lhe a mão como sempre.

SAMPAIO

Sr. Commendador, não aceito porque receio manchar-a.

NUNES.

Doutor apontando-lhe o caminho da rua peço-lhe encarecidamente que não transponha mais o limiar desta casa, e que lembre-se sempre desta comedia, em que representou um ridiculo papel.

SAMPAIO.

E' justo; neste recinto aonde tudo são felicidades não deve permanecer mais, o homem cujo cynismo tantos clamores levantou, Nunes desaparecendo para sempre de tua vista estendo-te a minha mão (*estendendo a mão*) toque-a porque não se suja . . . Sr. Commendador (*dando um papel*) leia com bastante attenção este importante documento que eu retiro-me pelo caminho da rua. (*sae*)

### SCENA XIX.

OS MESMOS MENOS SAMPAIO.

COMMENDADOR, *acabando de ler.*

Ah ! crime atroaz... deshonrado !

AFFONSO.

Meu pai o que tem ?

COMMENDADOR.

Nunes, arremeca-te o delicto do teu crime (*atira com o papel*) eu vou morrer, meu filho vinga a minha honra ul...tra...ja...da (*cae no chão desfallecido.*)

DEOLINDA

Santo Deus perder-se-ha uma vida tão preciosa ?

NUNES *levantando as mãos ao céu.*

Deus? tremendo é o vosso castigo, ao pé de um cada-ver innocente (*de joelhos*) deve ajoelhar a virtude com

o crâneo na fria terra vertendo lagrimas de sangue levantar as mãos aos céus; e implorar piedade do Creador.

AFFONSO, *que acaba de ler o papel.*

Sr. Antonio a innocencia, não se humilha ante a calumnia, levante essa essa fronte altiva, sobre a qual não peza o remorso de um crime, nem a maldicão de um innocente este papel é uma falsidade, prova evidente do caracter baixo de seu autor (*ouve-se um tiro*).

MIQUILINA,

Um tiro que será? (*corre à janella*) Ah!

NUNES

O que é?

MIQUILINA.

O Dr. Sampaio já não existe, terminou os seus dias com uma pistolla!

COMMENDADOR, *acordando ao som do tiro.*

Morreu ainda bem? e esse papel?

AFFONSO.

Meu pai ao som da innocencia desaparece a calumnia (*rasga o papel*). o autor de tanto cynismo succumbiu ao pezo de seus proprios crimes.

NUNES.

Commendador agredindo-me foste injusto...mas não te accuzo, agora venha um abraço.

COMMENDADOR.

Meu amigo (*abração-se*)

AFFONSO.

Era uma falsidade, está desmascarada, agora reunidos pelos laços do parentesco e da amizade, sejamos todos uma grande familia—honrada!

MIQUELINA.

O Dr. Augusto Sampaio já não existe o seu cadaver ali jaz (*aponta pela janella*) innadimado... o crime punindo o criminoso; neste mundo, no outro aonde a verdade é uma palavra a justiça de Deus a fará, o que não é dado fazer a dos homens. (*O panno cae rapidamente*).

FIM.

N.B. Esta comedia está licenciada e approvada pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro, e o despacho existe em poder do

AUTOR.